

## Prêmios

# inc

A cerimônia de instalação do Instituto Nacional de Cinema coincidiu com a entrega dos prêmios previstos pelo Convênio assinado em 5 de dezembro de 1966 entre o Ministério da Educação e Cultura e o Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica (GEICINE), e com a assinatura de convênio entre o INC e o Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica para fiscalização do cumprimento das medidas de estímulo ao cinema nacional em todo o País.

Com a criação do Instituto Nacional de Cinema, as distinções aos «melhores agentes técnicos e artísticos de filmes brasileiros exibidos em 1966» e aos «melhores

filmes de curta-metragem feitos nos últimos 24 meses», receberam o título de **Prêmios INC**.

A Comissão Julgadora, formada nos termos do Regulamento aprovado pelo Plenário do GEICINE em 21 de dezembro de 1966, foi constituída pelos críticos Fernando Ferreira, Antônio Moniz Vianna, Ely Azevedo (da Guanabara), Carlos Maximiano Motta e José Júlio Spiewak (de São Paulo).

O Ministro da Educação e Cultura, Raymundo Moniz de Aragão, fez a entrega dos prêmios. No setor da longa-metragem, foram distinguidos Walter Hugo Khouri («melhor realização»: **O Corpo Ar-**

**dente**, prêmio de Cr\$ 4.500.000), Walter Lima Júnior («melhor roteiro»: **Menino de Engenho**, Cr\$ 2.500.000), Rudolf Icsey («melhor direção de fotografia»: **O Corpo Ardente**, Cr\$ 1.500.000), Carlos Lyra («melhor partitura musical»: **O Padre e a Moça**, Cr\$ 1.000.000), Cláudio Moura («melhor cenografia»: **Amor e Desamor**, ..... Cr\$ 1.000.000), Gustavo Dahl («melhor montagem»: **A Grande Cidade**, Cr\$ 1.000.000), Leonardo Vilar («melhor ator protagonista»: **A Hora e Vez de Augusto Matraga**, Cr\$ 1.000.000), Sérgio Hingst («melhor ator coadjuvante»: **As Cariocas**, segundo episódio, Cr\$ 500.000), Lilian Lemmertz

(«melhor atriz coadjuvante»: **O Corpo Ardente**, Cr\$ 500.000). No setor da curta-metragem: Rubem Biafora («melhor realização»: **Mário Gruber**, Cr\$ 2.000.000), Sérgio Tofani (segundo prêmio: **Fragmentos**, Cr\$ 1.500.000), Renato da Rocha Silveira (terceiro prêmio: **Leguelhé**, Cr\$ 1.000.000).

**MELHOR REALIZAÇÃO:** Walter Hugo Khouri, **O Corpo Ardente**. Produtor, roteirista, diretor —

autor completo — de **O Corpo Ardente**, Walter Hugo Khouri teve premiado especificamente seu trabalho de diretor. Este filme é considerado, ao lado de **Noite Vazia**, um dos pontos culminantes da carreira iniciada em 1951-1954, com **O Gigante de Pedra**. Sempre fiel às suas convicções, às constantes de um cinema lírico e reflexivo bem marcadas por filmes como **Estranho Encontro** (1958) e **Na Garganta do Diabo** (1959-60), Khouri

foi sempre insistentemente combatido pelos epígonos da esquerda cinematográfica, cujas tentativas de bloqueio cultural produziram um bitolamento de temas e de enfoques do qual o **cinema dos jovens**, no Brasil, tenta livrar-se a duras penas.

Se **O Corpo Ardente** assinala um ponto perigoso de subjetividade na obra de Khouri — concentração quase absoluta sôbre uma única



Lilian Lemmert: «O Corpo Ardente», de Khouri

personagem à procura de definição, extrema limitação dos diálogos, recurso amplo ao simbolismo e à abstração — deve-se notar que seu caminho não é solitário. O Bergman de *O Silêncio*, o Antonioni de *O Eclipse*, seguem caminhos freqüentemente comparáveis, em busca de uma comunicação mais universal, de uma extroversão de seu mundo interior com o mínimo de risco de traição por parte da palavra. Mas, se o tema é a «incomunicabilidade» — o sentimento de ruptura de uma mulher madura, da alta burguesia, em face do mundo que a rodeia — a linguagem de Khouri só pode correr o risco não-receptividade em consequência do «doping» que a maior parte do cinema «comercial» exerce sobre o público. É uma linguagem rica, de extraordinária sensibilidade.

A personagem **Márcia** (a cargo da excelente atriz francesa Bárbara Laage), em identificação poética com a força vital de um cavalo bravo, errante, na paisagem de Itatiaia, reforça a ligação do cinema khouriano com a poética de D. H. Lawrence em nível maior do que o filme precedente, *Noite Vazia*, no qual a alienação existencial dos protagonistas era mais nitidamente identificada com a subalternização do corpo (ou da «consciência do corpo» de que fala Lawrence). Através da cristalina forma de *O Corpo Ardente*, Khouri deixa claro que seu insulamento ante o chamado «Cinema Novo» não se deve à ausência de modernidade ou de conteúdo crítico de sua obra. Apenas ele se recusa a ver os impasses do homem moderno à luz de rebatedores ideológicos. (E.A.)

**MELHOR ROTEIRO:** (*Menino de Engenho*), de Walter Lima Júnior. O diretor-roteirista de *Menino de Engenho* foi à Várzea da Paraíba em busca da memória de José Lins do Rêgo. O romance, primeiro do «ciclo da cana-de-açúcar», não representava para Lima Júnior a possibilidade de exercitar uma linguagem cinematográfica em contato com a forma literária pré-existente. Ao surpreender a paisagem na qual Zé Lins viveu a sua história, os banguês, engenhos

e as senzalas apenas comidas pelo mato que devastou toda a região abandonada, o diretor passou a conceber o roteiro em função dessa descoberta. Se a «maria-fumaça» e os carros de boi haviam desaparecido, se as chaminés das usinas, aqui e ali, substituíam o perfil tóxico dos canaviais, a verdade é que muita coisa do passado permanecera ali, ocultando nas sombras dos moinhos e no rastro do massapê fantasmas daqueles dias em que aconteceu a revolução. No roteiro, colocou Lima Júnior a decadência do senhor latifundiário e da exploração feudal ao lado da ascensão da máquina industrializante, dois mundos — o velho e o novo ou a tradição e o progresso — que se rivalizam, enquanto tantos valores vão-se apagando ou se transformando, nada podendo deter a marcha célere do tempo, este imanente Poder que regula e decide a sorte das situações e dos protagonistas de *Menino de Engenho*. É um filme sobre o mundo de Lins do Rêgo — por isso, não só o livro que lhe cede o título, também elementos de «Moleque Ricardo», «Banguê», «Doidinho», «Usina», todo o ciclo, surgem à medida que se desenvolve a visão simultaneamente nostálgica e crítica da civilização do açúcar. Walter Lima Júnior negou-se a reconstituir ao pé da letra o texto do escritor: movia-o a intenção de arrancar da várzea o espírito de uma época. Multiplicou incidentes, suprimiu personagens, promoveu associações de idéias e fatos — mas o essencial já estava impregnado no roteiro antes que o diretor o ilustrasse com suas imagens tão sensíveis à luz poética de Lins do Rêgo. Isto é: um «universo» de afetividades fechadas em torno de si mesmo, como um velho mofado «álbum de família» cujas páginas a câmera fôsse virando, até chegar à última, para voltar à primeira — o menino de engenho partindo com os olhos fixos na terra a perder de vista, memória do paraíso. — (P.P.)

**MELHOR MÚSICA:** Carlos Lyra. Desde 1960 (*Couro de Gato*) Joaquim Pedro de Andrade conhecia a vocação de Carlos Lyra para

a composição de cinema. A partitura de *O Padre e a Mãe* consagra a parceria e, em particular, o músico que soube verter a tênues modulações harmônicas o estilo barroco mineiro que era o do poema de Drummond e foi o reproduzido, em imagens, pelo filme. E, nessa partitura, além do valor de apoio ao efeito cinematográfico, há um poder emocional que lhe concede autonomia em um gênero difícil: a música de câmera. (P.R.B.)

**MELHOR CENOGRAFIA:** Cláudio Moura, *Amor e Desamor*. Confinado na quase totalidade de suas imagens a cenário único — a casa de tijolos e madeira do protagonista, em contraste com o concreto de Brasília — o filme de Gerson Tavares conferia à cenografia uma responsabilidade muito grande. Uma casa já existente foi utilizada como cenário-base e sobre esse material trabalhou Cláudio Moura conferindo à sua estrutura, especialmente através da inteligente decoração, um alto grau de expressividade que a direção de Gerson Tavares e a fotografia de Hélio Silva aproveitariam com talento. (J.A.)

**MELHOR MONTAGEM:** Gustavo Dahl, por decisão unânime da Comissão Julgadora. *A Grande Cidade* tem montagem moderna e ousada. Gustavo Dahl, formado pelo Centro Sperimentale di Cinematografia de Roma e pelo Curso de Cinema Etnográfico do Museu do Homem, Paris, dirigiu os curtos *A Dança Macabra* (sobre gravuras de Holbein), *O Museu do Homem* — ambos na Europa — e, no Brasil, *Em Busca do Ouro*. Dahl tem em projeto a realização de uma longa-metragem, *Os Bravos Guerreiros*. (J.A.)

**MELHOR ATOR PROTAGONISTA:** Leonardo Vilar. Formado pelo teatro, mas trazendo para o cinema uma convicção que se mostra vigorosa sob a análise dos planos mais aproximados, Vilar responsabilizou-se por um dos personagens mais curiosos do teatro e do cinema brasileiros: o Zé do Burro de *O Pagador de Promessas*. Profissional no melhor sentido, seu

nome figurou na programação Rio-São Paulo/1966 com quatro atuações: **A Grande Cidade**, **O Santo Milagroso**, **Amor e Desamor**, **A Hora e Vez de Augusto Matraga**. A Comissão julgadora inclinou-se pelo destaque exclusivo de seu trabalho como Augusto Matraga. Peça importante da expressiva realização de Roberto Santos, o trabalho de Leonardo Vilar é especialmente admirável nas seqüências em que a redescoberta dos sentidos e do desafio do mundo pelo protagonista proporciona ao ator oportunidade para expor o seu domínio da expressão corporal. — (E. A.)

**MELHOR ATRIZ PROTAGONISTA:** Anecy Rocha, em **A Grande Cidade**. Em seu segundo filme, Anecy Rocha faz o papel de uma nordestina à procura do Rio de Janeiro-miragem, e que mergulha trágicamente na realidade da metrópole aflita. A atriz lançada por Walter Lima Júnior em **Menino de Engenho** — e que deverá fazer um dos papéis de **Brasil Ano 2.000**, do mesmo cineasta — obteve muito boa recepção crítica por seu trabalho sensível e veraz em **A Grande Cidade**, de Carlos Diegues. — (J. A.)

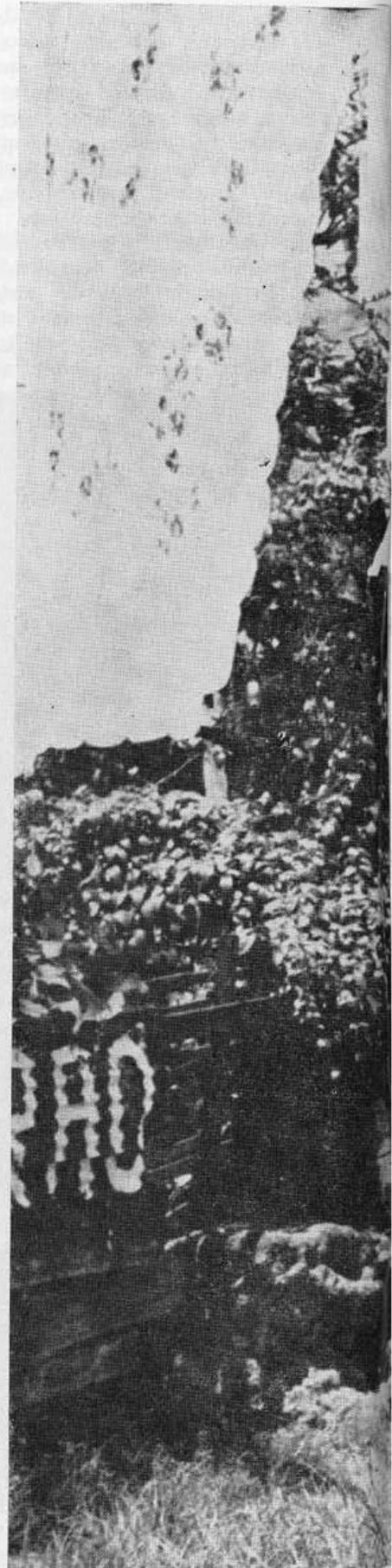
**MELHOR ATOR COADJUVANTE:** Sérgio Hingst. Do desprentencioso **Luz Apagada**, da Vera Cruz (1953), passando por experimentos marcantes do cinema brasileiro da década de 50, como **Ravina** e **Estranho Encontro**, Sérgio Hingst vem depurando suas características de ator essencialmente cinematográfico, dono de uma presença dramática que transcende o alcance de «enredo» das situações. Sua contribuição ao segundo episódio (diretor: Walter Hugo Khouri) de **As Cariocas** é fundamental, no papel do amante mais velho, que sustenta a protagonista (Jacqueline Myrna). Em poucos momentos Hingst dá as coordenadas de um comportamento ambíguo e inquietantemente humano: o prazer da posse da mulher-objeto, uma ternura quase de pai para filha, a angústia da incerteza sobre uma relação à qual ele procura

conferir (com cheque e conselhos formais) um ritual de estabilidade. (E. A.)

**MELHOR ATRIZ COADJUVANTE:** Lilian Lemmertz. Formada no teatro, Lilian Lemmertz não trai a origem ao atuar frente às câmeras. Estreando sob direção de Walter Hugo Khouri em **O Corpo Ardente**, fêz, em seguida, outro pequeno papel no primeiro episódio (diretor: Fernando de Barros) de **As Cariocas**. Duas atuações que a credenciam para a responsabilidade de um papel protagonista no próximo trabalho de Khouri, **As Amoras**. A Comissão Julgadora dos Prêmios INC, através de voto unânime, distinguiu-a por seu trabalho em **O Corpo Ardente**, breve, mas incisivo: o papel da jovem inconformada com as contingências de sua ligação com o amante. Como uma Glória Grahame ou uma Harriet Andersson, Lilian Lemmertz é capaz de comunicar todo um drama interior em poucas tomadas. (E. A.)

**MELHOR REALIZAÇÃO DE CURTA-METRAGEM:** Mário Gruber, escrito e dirigido pelo crítico-cineasta Rubem Biafora para o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Oito anos após a realização de seu primeiro longa-metragem, **Ravina**, Biafora volta à prática de cinema com uma segurança e um rigor moderno excepcionais. Perfeccionista, implacável crítico de seus próprios passos, Biafora constrói um filme para o qual se procuraria inútilmente um paralelo na área dos documentários brasileiros sobre arte.

Mas o filme de Biafora é muito mais do que um documentário à altura do pintor paulista Mário Gruber: é um trabalho onde se manifesta, sem prejuízo dos fins documentais, a personalidade do crítico-cineasta hipertensamente empenhado na revelação do drama humano através da imagem cultivada, despojada dos artifícios de moda; é celebração de um rito de fidelidade do intelectual às suas mais legítimas raízes, ao drama eternamente revivido do sacrifício do homem-artista aos caminhos geralmente pungentes da realização da sua arte.



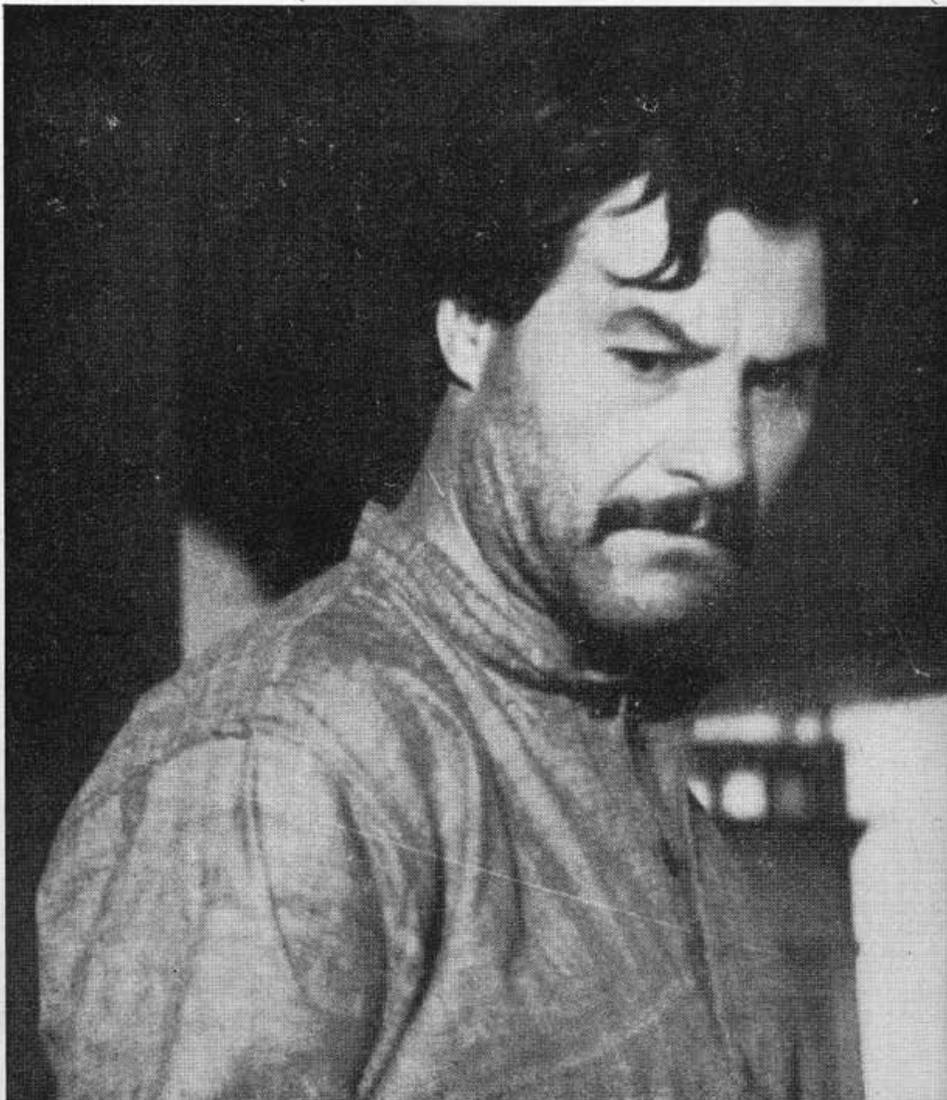


Todos os elementos expressivos — a conjugação dos cenários naturais com o mundo pictórico, o emprêgo da fotografia em côres, os achados musicais — estão orquestrados com invejável maturidade: o filme estava **pronto** em Biafora quando a câmara de Icsey o registrou. (E. A.)

**SEGUNDO PRÊMIO DE CURTA-METRAGEM: Fragmentos.** Ex-assistente de Walter Hugo Khouri, dedicado, há alguns anos, à curta-metragem publicitária e promocional, Sérgio Tofani empreendeu com **Fragmentos** um ensaio poético certamente discutível no que se refere à sua longa duração, mas de inquestionável força cinematográfica. A precisão rítmica, a plasticidade, o sensível aproveitamento da figura humana, credenciam-no a experiências de maior fôlego. (J. A.)

**TERCEIRO PRÊMIO DE CURTA-METRAGEM: Leguelhé.** Uma das revelações do Festival de Cinema Amador de 1966, Renato da Rocha Silveira escolheu para o curto **Leguelhé** um terreno traiçoeiro: a parábola sentimental contada em imagem, verso e música, esta rimando com a ação ou a determinando, como se o canto e a harmonia coreografassem a cena. O tema ganha assim surpreendente ímpeto de comunicabilidade, e a história do operário que dribla o trabalho para voltar mais cedo aos braços da amada possui fôlego suficiente às pretensões poéticas de **Leguelhé**. Crônica cuja jovialidade não oferece resistência às tentações do esteticismo — um cinema realmente livre, porque aberto a toda busca estilística pertinente — a obra premiada possui acabamento fotográfico exemplar e um calculado domínio de ritmo. (P. R. B.)

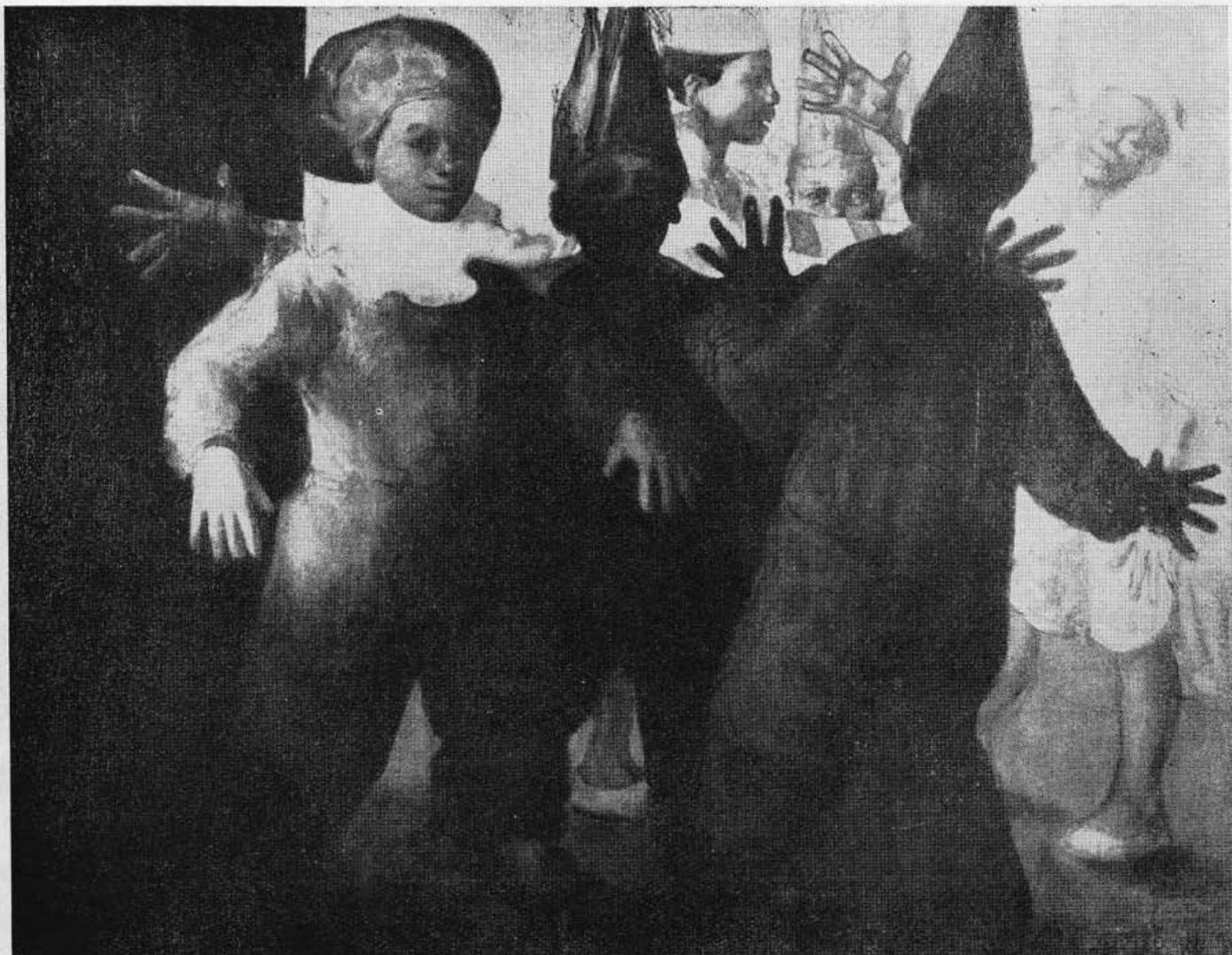
(Notas redigidas por Ely Azere-  
do, Paulo Perdigão, Jorge Alves,  
P. R. Browne.)



Leonardo Vilar: «Matraga»

Sávio Rolim: «Menino de Engenho»





«Mário Gruber», de Rubem Biafara, produção INCE

Primeiro Prêmio de Curta-Metragem: «Mário Gruber»

